

OUVINDO A MÚSICA COM O CORPO:

Relato de experiência de Estágio Supervisionado com alunos surdos

Juliana Santos Bischoff
Universidade Estadual de Maringá
bischoffjuliana@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta e discute uma experiência pedagógico-musical com surdos. Trata-se de um relato de estágio supervisionado em música que foi desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. Este colégio é subsidiado pela ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá.

Palavras chave: Música. Surdos. Estágio

Introdução

Este texto apresenta e discute uma experiência pedagógico-musical com surdos. Trata-se de um relato de estágio supervisionado em música que foi desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. Este colégio é subsidiado pela ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de XXX. A experiência teve como suporte teórico autores que discutem e estudam sobre música e surdez, tais como Finck (2009), Silva (2014) e os vídeos de Bonvenuto.

A turma atendida era composta de três alunos: Matheus (5 anos), Gabriel (7 anos) e Larissa (5 anos). Estas crianças apresentavam grau de surdez profunda¹. Os dois meninos têm aparelho de surdez, apesar de pouco utilizarem nas aulas, esse aparelho possibilita que eles ouçam um pouco de ruídos. Tanto a Larissa quanto o Gabriel apresentam dificuldades de coordenação motora para movimentação das pernas e locomoção.

¹Pessoa com surdez profunda - indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. (Saberes, p.19, 2006).

Para desenvolver o estágio tive como suporte teórico autores que discutem e estudam sobre música e surdez, tais como Finck (2009), Silva (2014) e os vídeos de Bonvenuto, um educador musical que desenvolve um trabalho prático com surdos no conservatório municipal de Guarulhos², e o vídeo da percussionista surda Glennie³, onde ela mostra como ouvir. Também lancei mão de textos técnicos sobre surdez, para melhor compreendê-la no nível fisiológico (Apostila Saberes e Prática da Inclusão, 2006).

O desenvolvimento das aulas

Paralelamente às últimas atividades do meu segundo ano de licenciatura em educação musical, comecei a pensar no estágio supervisionado I, disciplina do terceiro ano. Como sou bolsista do PIBID⁴, onde tenho a oportunidade de trabalhar com oficinas de canto e inserção em sala de aula, na escola regular, desde o meu primeiro ano, no estágio supervisionado eu optei por fazer algo diferente.

Assim que tive meu primeiro contato com ANPACIN, soube que aquele seria o lugar onde queria desenvolver minha primeira experiência de estágio. Porém, logo vieram muitos questionamentos: Como ensinar música para surdos? Toda a experiência que tenho de ensino de música, eu me apoio muito na minha voz (pois sou cantora lírica e dou aulas de canto e estruturação musical, em escolas de música desde 2008), e no caso do ensino de música para surdos, eles não ouviriam minha voz, e agora? Será que as crianças vão se interessar por algo que elas não ouvem? Será que serei capaz de manter o interesse dessas crianças por música? Entre outras tantas questões, preconceitos e inseguranças. Os medos foram muitos, porém a vontade de fazer algo

² Segue link de alguns dos vídeos de Fábio Bonvenuto:

Endereço do blog: <http://fabiobonvenuto.blogspot.com.br/>

O Som do Silêncio a Surdez e a Música: <https://www.youtube.com/watch?v=YNlruhjEdWc>

Música do Silêncio - Fábio Bonvenuto: <https://www.youtube.com/watch?v=M50lcgAVLJc>

³ Segue o link do vídeo da percussionista Evelyn Glennie:

https://www.ted.com/talks/evelyn_glennie_shows_how_to_listen?language=pt-br

⁴O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é um programa que oferece bolsa para estudantes de cursos de licenciatura plena, para que eles exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de ensino básico, aprimorando sua formação e contribuindo para a melhoria de qualidade dessas escolas. Para que os alunos sejam acompanhados e orientados, há bolsas também para coordenadores e supervisores.

diferente, e que tinha uma grande possibilidade de fazer uma diferença positiva na vida daquelas crianças e na minha vida foi maior.

Assim que comecei as observações, tive boas impressões da escola, tudo bem organizado, os funcionários desde o pessoal da limpeza até a coordenação foram muito atenciosos e isso me deu mais segurança. Ao mesmo tempo fui fazendo a revisão bibliográfica, e com as leituras e os vídeos, que abordam o assunto educação musical para surdos, fui ficando cada vez mais envolvida com o assunto, e empolgada com essa experiência. Os medos ainda estavam presentes, mas eu estava convencida de que tinha feito a escolha certa.

Início das práticas em sala de aula

Chegou o dia da minha primeira incursão em sala de aula, naturalmente eu estava um pouco apreensiva, principalmente por ser um público totalmente diferente do que estava acostumada a trabalhar. Confesso que na minha primeira experiência, fiquei bem decepcionada comigo como professora, pois me senti incapaz de atender as necessidades e demandas dos alunos, mesmo com a aula tendo transcorrido aparentemente tranquila. Sai da escola sentindo uma grande responsabilidade na mão de fazer a música ter um sentido para aquelas crianças. Portanto revi minhas aulas, juntamente com a orientadora de estágio, de forma que o processo de aprendizado em música, não fosse somente um processo de mera repetição.

Em um primeiro momento trabalhamos em círculo, a princípio batendo palmas dentro da pulsação depois batendo nas mãos dos colegas dos lados. No momento de somente bater a mão dentro da pulsação, percebi, principalmente o aluno Mateus, certo cansaço, demonstrando que aquilo estava meio sem graça. Ai eu refleti, realmente qual é o sentido de bater palma sempre igual, preciso repensar meu plano de aula. Quando coloquei a palma lateral, onde há um contato com a mão do colega, percebi que eles demonstraram mais animação com o jogo. (trecho do relatório da aula 1)

Relembrando a aula para escrever o relatório me deparei com várias reflexões, como: Será que conseguirei dar conta do trabalho? Será que realmente tenho capacidade para isso? O que, sonoramente e musicalmente, seria interessante para eles? Decidi que a aula teria que ter elementos diferentes e ser mais dinâmica. A partir de conversas com a minha orientadora, repensando o plano de aula, optamos

por trabalhar sempre com instrumentos de percussão, pois o instrumento parece envolver mais o aluno, inclusive por ser um diferencial em sua rotina.

Na primeira aula, eu havia levado o pandeiro, que foi mostrado para turma no final da aula. Percebi o quanto se entusiasmaram e nitidamente se sentiram fazendo música. O prazer de tocar era refletido nas expressões faciais e nas expressões vocais que sonorizavam intensamente. Os balbucios e os sons que conseguiam emitir se misturavam com as batidas no pandeiro.

Frente à reação dos alunos com o pandeiro, defini, em conjunto com a orientadora, que usaria instrumentos musicais pequenos, que permitisse a mobilidade pela sala e que conseguissem segurar com tranquilidade: djembê, tambor de pvc, agogô, tamborim, pandeiro, triângulo e ganzá. Defini ainda que teria como base o ritmo da ciranda, pelo caráter de jogo e por ter células rítmicas relativamente simples e possíveis de serem adaptados com facilidade, conforme a necessidade do processo de aprendizado do aluno.

Junto com esta decisão, também defini uma estrutura para as aulas de música, estabelecendo partes específicas. Isso porque percebi que a rotina para eles é um aspecto importante. Já havia observado que a professora que os acompanha no período da tarde inicia suas aulas sempre frisando sobre o dia da semana, do mês e a situação meteorológica. Defini, então uma estrutura para as aulas de música: iniciando sempre com um alongamento, após um jogo musical, seguindo de uma prática musical e/ou apreciação musical e/ou exploração musical, finalizando (de modo geral) com a repetição da atividade que aparentemente eles haviam mais se interessado no decorrer das aulas.

Desta forma iniciava as aulas sempre com um momento de alongamento que se concretizou em atividades como: esticar os braços para cima, para frente e para traz, alongando braços, peito e costas. Esticando um braço para frente, com o outro braço esticando a palma da mão para cima e depois para baixo, alongando assim a mão, braço e punho. E alongando o pescoço com movimentos para os lados frente e traz. Evitei movimentos de pernas, pois os alunos que tem dificuldades com a coordenação motora, se desequilibram com facilidade com esses movimentos e acabam caindo. E por fim faço o movimento de ‘tirar areia do corpo’, que consiste em chacoalhar os membros superiores e inferiores, cabeças, ombros, como se tivesse

tirando areia do corpo. O objetivo do alongamento era aquecer e deixar o corpo atento para atividade de tocar um instrumento que é uma atividade física.

Jogos musicais e práticas de instrumentos

Um dos jogos musicais que mais explorei foi o “siga o mestre musical”. Essa atividade consiste em um dos alunos ser o mestre e utilizando o instrumento, percutindo um ritmo de forma livre, enquanto os demais, utilizando a percussão corporal, deveriam repetir o mesmo movimento. Todos foram muito participativos, demonstraram muita alegria por desenvolver a atividade de mestre, por estar com um instrumento na mão, por criar um movimento/som, através do instrumento. Isso me deixou mais tranquila, eu estava apreensiva quanto as atividades musicais terem um sentido, e não serem mera imitação de uma atividade passada por uma professora. A alegria, envolvimento e empolgação demonstrada por eles foi muito grande e satisfatória para todos.

Acabei prolongando mais a atividade do que eu tinha planejado, e ainda tive que prometer que se sobrasse tempo no final da aula voltaríamos nessa atividade. Foi interessante observar, que apesar de ser uma atividade de movimentos livres e mesmo sem eles ouvirem os sons, eles manterão na maioria das vezes e principalmente o aluno Mateus uma regularidade rítmica, foi emocionante ver a alegria deles. (trecho do relatório da aula 2)

Na segunda vez que trabalhamos com o “siga o mestre musical”, optei por levar mais instrumentos e variar a atividade, dessa vez com instrumentos para todos e não somente para o mestre. Isso gerou um problema, eles começavam a fazer a atividade como o proposto e logo se distraíam com o instrumento, explorando-o intensamente. Por algum momento tive dúvidas se era uma bagunça ou uma experimentação sonora. Embora indecisa sobre como agir, optei por não reprimir.

Iniciamos com o jogo siga o mestre musical, só que dessa vez tinha instrumentos novos. Eles ficaram muito eufóricos com os novos instrumentos. Por conta dessa euforia não conseguimos executar a atividade com o mesmo êxito da aula passada. Eu senti que eles tinham uma necessidade grande de percutir com muita força o agogô, e sempre acabavam sentando no chão, penso que motivados pela curiosidade e a vontade de sentir a vibração desses novos instrumentos. Tanto para mim, quanto para a professora Elaine, que somos ouvintes, o som estava bem desagradável, mas os alunos estavam cada vez mais eufóricos. Portanto, por mais que eu tentava

conduzir a atividade com os objetivos do plano de aula, logo eles se distraíam com as vibrações, e começavam a bater com muita força os instrumentos. Percebi, que não conseguiria atingir meu objetivo no plano de aula, a professora Elaine tentou me ajudar a conseguir a atenção deles, mas não durava muito tempo, eles se distraíam e voltavam a percutir com muita força os instrumentos. Notei então, que provavelmente eles precisavam daquele momento de descoberta daquela vibração. Que poderia existir a possibilidade de não ser uma simples bagunça e sim a necessidade de explorar aqueles instrumentos novos. Confesso que fiquei muito cansada, e um pouco apreensiva, pois como disse acima não sabia como me posicionar, pois não sabia se era bagunça ou curiosidade. (trecho do relatório da aula 3)

Diante disso, surgiram questões como: Eu repreendo ou não o comportamento indisciplinado deles? Seria mesmo indisciplina ou experimentação? Fiquei muito angustiada. Levei essas questões para minha orientação e aula de estágio I. As duas professoras disseram que a etapa de experimentação é comum, a curiosidade com instrumento é natural ainda mais com crianças nesta faixa etária. Que neste primeiro momento eu fiz certo em não reprimir, mas na próxima aula eu deveria conduzir a atividade combinando os momentos e as formas de tocar.

Após essa experiência com a atividade siga o mestre, optei por dar um tempo com essa atividade e no lugar trabalhar com “o círculo do instrumento”. Que consiste em todos sentados no chão em círculo, eu apresento um instrumento de percussão, executo uma célula rítmica simples (na primeira vez mantive apenas o pulso) e depois passei para um dos alunos do círculo, que tem que imitar o que eu havia feito e assim passar para outro colega, até que todos tivessem tocado o instrumento.

Dessa vez eu levei um instrumento de cada: tambor de PVC, agogô, tamborim. Sentamos em roda, e primeiro fiz um toque simples e passei para Matheus que tem facilidade em executar as atividades propostas. (...) assim que os colegas viram que Matheus conseguiu tocar, sentiram-se capazes de também tocarem. Mesmo Gabriel e Larissa que tem dificuldades de coordenação motora, conseguiram tocar os ritmos, acontecia de eles se perderem a pulsação, mas pela primeira vez eles conseguiram manter a pulsação por um pequeno tempo. E eu ainda consegui trabalhar intensidade com o Matheus. A atividade foi muito satisfatória, houve um momento que consegui tocar juntamente com o Matheus, por um bom tempo, eu no tamborim, batendo dentro do pulso e ele no agogô fazendo um ritmo. Também houve um momento que o aluno Gabriel estava adiantando uma batida e a aluna Larissa o corrigiu. Senti que a atividade estava rendendo e optei por prolongá-la e não passar a apreciação ativa que estava prevista no plano de aula. (trecho do relatório da aula IV).

Na segunda vez que trabalhamos com a roda de instrumento, comecei a explorar a intensidade dos sons. Enquanto demonstrava a seqüência rítmica que eles teriam que repetir, pedi que todos segurassem o instrumento, e assim sentissem a diferença da intensidade das vibrações quando o instrumento era percutido com mais intensidade ou menos intensidade. Eles perceberam a diferença, e demonstraram gostar mais dos sons fortes, certamente por perceberem melhor a vibração.

Aproveitei para mostrar a diferença da intensidade de uma batida, percuti os instrumentos com intensidades diferentes, enquanto eles tocavam os instrumentos, assim perceberam a intensidade diferenciada da vibração. [...] Procurei sempre dar o exemplo das intensidades e depois passar os instrumentos de mão em mão e pedi que eles experimentassem percutir os instrumentos e dos níveis de intensidades sendo um mais forte e um mais fraco. (Trecho do relatório da aula 6).

Esse jogo foi sendo adaptado, acabou evoluindo para uma prática em conjunto, com direito a regência e introdução a leitura musical. Comecei com um painel onde coloquei a marcação de quatro tempos e em cada tempo a quantidade de vezes que tem que ser executados os instrumentos ou quando ele tem que ficar em silêncio/pausa.

Optamos por introduzir o painel, com figuras e bem colorido, porque para o aluno surdo o visual é importantíssimo. Dessa forma também começamos a trabalhar a relação da leitura de imagens com a relação da execução do instrumento.

Nós ficamos em volta deste painel e eu demonstrei instrumento por instrumento, como deveria ser tocado, e foi passando de mão em mão. Os instrumentos que tocamos foi o agogô, ganzá e tambor de PVC. Todos os alunos demonstraram progresso, em especial a Larissa e o Gabriel, apesar das dificuldades com a coordenação motora, eles começaram a manter um pulso. Depois que todos aprenderam o toque dos instrumentos, a professora Elaine ficou com a função de maestro marcando a pulsação e fizemos uma prática em conjunto. (Trecho do relatório da aula VII).

Hoje comecei a trabalhar com eles as pausas, e exigi um pouco mais da parte de execução dos instrumentos. O aluno Matheus demonstrou um pouco de irritação porque hoje teve mais regras, mas mesmo assim fez todas as atividades. Hoje também cada aluno teve sua vez de fazer o papel do maestro durante a prática de conjunto (no nosso caso o maestro é quem dá o andamento da música). Exploramos variações de andamento e intensidade, eles gostaram bastante da função de ser maestro e determinar como os demais teriam que executar a música. A aula foi bem satisfatória. (Trecho do relatório da aula VIII).

Outras atividades que trabalhamos, com foco na percepção foi a “atividade com os bastões”, inspirada nas práticas desenvolvidas por minha colega⁵ de estágio na instituição. A atividade consiste em um ou mais alunos deitarem no chão com os olhos vendados, enquanto os demais ficam em pé com um bastão na mão. Dentre os alunos que estão em pé, um deles ficará responsável por determinar a quantidade de vezes que o bastão será percutido no chão da sala (lembrando que o chão é de madeira, facilitando na percepção da vibração). O aluno que está deitado deverá repetir em palmas a quantidade de batidas que ele percebeu através da percepção da vibração do chão de madeira

Depois fomos para a atividade com os bastões onde duas crianças ficaram no chão vendadas enquanto a outra faz uma sequência de batidas com o bastão no chão de madeira. Assim que perceber a vibração, as crianças que estão vendadas têm que erguer a mão, a que erguer primeiro tem que repetir a quantidade de batidas que percebeu com palmas. Eles ficaram bem curiosos com essa atividade, como eles são bem visuais, vendados causa um pouco de estranhamento e também curiosidade. No início ficou um pouco confusa, eu e a professora tivemos que fazer primeiro para demonstrar para eles como era. Conforme eles foram fazendo foram entendendo. (Trecho do relatório da aula VII).

Na atividade do bastão eles demonstraram bastante familiaridade, fizeram com tranquilidade, o aluno Gabriel até demonstrou que estava fácil entender a vibração e a quantidade de batidas, fiquei muito feliz pois logo que começamos essa atividade nas aulas, ele foi o aluno que mais tinha dificuldade em entender como seria a atividade. (Trecho do relatório da aula VIII).

Considerações finais

Os alunos demonstraram um progresso notório a cada aula. As impressões que tive foram muito positivas como um todo. Desconstruí vários preconceitos, e me apeguei bastante aos alunos e ao trabalho que estamos desenvolvendo. Percebi que o aluno Matheus tem uma grande aptidão com ritmos, ele se envolve com muita paixão na execução dos instrumentos, a forma que ele vivencia a música é emocionante. O aluno Gabriel sempre prestando muita atenção e empenhado em executar as atividades, procurando sempre superar suas dificuldades motoras. Ele demonstrou um progresso grande desde a primeira aula até essa aula. É emocionante de ver que ele

⁵ O detalhamento do uso de bastão com alunos surdos está descrito no texto de Scarlat Suiti Bessa, deste anais.

já está conseguindo manter uma pulsação e uma regularidade, e entendendo a importância disso na hora da execução em conjunto. A aluna Larissa é essencial para dinâmica da sala, pois ela que corrige os colegas quando tem algum erro, sempre muito atenta, também demonstrou bastante progresso apesar das dificuldades motoras.

Não há dúvidas de que alunos surdos são totalmente capazes de fazer música. Precisamos trabalhar para desconstruirmos os preconceitos, e garantir o direito a música para os surdos.

Referências

FINCK, Regina. *Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectiva para a ação pedagógica inclusiva*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SILVA, Paulo Roberto de Souza. **Ensinando e Aprendendo Música com Alunos Surdos: um estudo da experiência de docência em música em uma escola regular de Governador Valadares/MG**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Música na Universidade de Brasília, 2014. Governador Valadares, RS.

Saberes e Práticas da Inclusão: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf> Acesso em: 03/06/2014.